

DA PRÁTICA CRISTÃ: AS BASES DA MORAL EVANGÉLICA

OF CHRISTIAN PRACTICE: THE BASIS OF EVANGELICAL MORAL

Jean Rodrigo Pinheiro¹

¹Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo, RS, Brasil. E-mail: jean.rodrigo.p@hotmail.com

Resumo: No presente artigo pretende-se desenvolver um aprofundamento do conteúdo da ética a partir dos evangelhos sob a luz da revelação e da fé. Para tanto, não poderia escapar aos olhos do leitor o pano de fundo desta análise que é o próprio seguimento de Jesus Cristo, base fundamental, segundo os organizadores da obra *Práxis Cristã: Moral fundamental*, para qualquer vivência da prática cristã. Sob este panorama, a ética evangélica corrobora a relação entre o homem e Deus, mirando às práticas comuns à comunidade de fé e aos irmãos. Ademais, esta relação entre homem e Deus parte do princípio evangélico do “convertei-vos e crede” (Mc 1, 15). Fé e conversão, juntamente com a caridade evangélica, são o eixo norteador da práxis cristã e pano de fundo de toda a ética evangélica. Todavia, a principal via aos comportamentos moralmente evangélicos requer a imitação daquele que foi o perfeito homem: Jesus Cristo. Sendo assim, desenvolver-se-á o núcleo da ética evangélica sob sete preceitos: a fé, a conversão, o seguimento, a renúncia, a liberdade, o amor e a vigilância.

Palavras-chave: Evangelho. Fé. Seguimento. Conversão. Jesus Cristo.

Abstract: This article intends to develop a deepening of the content of ethics from the gospels in the light of revelation and faith. To this end, the background of this analysis, which is the very following of Jesus Christ, the fundamental basis, according to the organizers of the *Christian Praxis: Fundamental Moral*, could not escape the reader’s eyes for any experience of Christian practice. In this context, evangelical ethics corroborates the relationship between man and God, aiming at the common practices of the faith community and the brothers. Moreover, this relationship between man and God starts from the evangelical principle of “be converted and believe” (Mk 1:15). Faith and conversion, together with evangelical charity, are the guiding axis of Christian praxis and the backdrop of all evangelical ethics. However, the main route to morally evangelical behavior requires the imitation of the perfect man: Jesus Christ. Thus, the core of evangelical ethics will develop under seven precepts: faith, conversion, following, renunciation, freedom, love, and vigilance.

Keywords: Gospel. Faith. Follow up. Conversion. Jesus Christ.

<http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v21i2.3264>

Processo de avaliação: *Double Blind Review*

Submetido em: 09.09.2019

Aceito em: 19.11.2019



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

1 Introdução

Na base da vivência humana em comunidade, encontramos um conteúdo necessário para as relações interpessoais. Este conteúdo está basicamente pautado em normas e valores os quais as pessoas articulam para o bem viver. Tais normas advêm tanto de uma lei dita *natural* quanto por uma necessidade vital de conduta. São as chamadas normas morais e a ética.

Podemos brevemente conceituar Moral e Ética para fins de explanação (apesar de que toda a tentativa de conceitualização se limita ao pensamento ao contexto vivencial de cada indivíduo). Entendemos por ética tudo aquilo que diz respeito ao conhecimento extraído das ações e do comportamento humano. Ora, a ética vem atrelada à antropologia, por isso, conhecer o ser humano é indispensável para poder conhecer os seus valores mais essenciais. Pode-se afirmar, também, que a ética é o estudo da própria moral.

No entanto, a moral pode ser definida como o conjunto de leis e valores estabelecidos para a conduta do ser humano. Estas leis orientam o indivíduo na ordem daquilo que é moral ou imoral, certo ou errado, bom ou mau.

Mário Sérgio Cortella, filósofo e escritor brasileiro, diz que a chave para julgarmos uma ação, dentro da moralidade e imoralidade, é o crivo das três perguntas: “Quero? Devo? Posso?” (2016, p. 07). Tais são as indagações que compreendem o pensar sobre a própria ação na sua íntima relação consigo mesmo e com o outro. Algo semelhante encontramos nos escritos paulinos: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém” (1Cor 6,12). Ora se a moral está intrinsecamente ligada às ações humanas, a ética reflete estas ações pela própria relação ao *ser humano* e à sociedade.

Cortella ainda elenca algumas questões que, diante da morte, servem como avaliação da vida, e diante da atitude a ser tomada, uma noção da própria moral:

o momento em que uma divindade virá fazer as grandes perguntas pra julgar a nossa vida, se ela foi uma vida que valeu ou não valeu a pena. As perguntas desta divindade supostamente seriam: O que fez, fez por quê? O que não fez, não fez por quê? O que fez e não deveria ter feito, por que o fez? O que não fez e deveria ter feito, por que não o fez? (CORTELLA, 2016, p. 11).

Diante de uma escatologia, encontramos, talvez, um verdadeiro estado de consciência pelo qual podemos avaliar as razões éticas. Neste sentido, há uma imprescindível chave para a conduta humana, principalmente para os cristãos, dentro dos escritos bíblicos: a vida de Jesus como ápice da moral cristã. O que pretendemos aqui é investigar as chaves desta moral cristã, a partir da vida de Jesus narrada nos Evangelhos.

No contexto do Evangelho de Jesus Cristo, têm-se ressaltado o núcleo da ética cristã. Tal ética quer trazer a vinculação entre Deus e o homem, a partir do exemplo d’Aquele que

soube ser perfeito homem, sem deixar de ser Deus. Este núcleo trata-se de uma redução da ética àquilo que vincula *chamado* e *resposta*. Deus é quem realiza o chamado ao homem que, de forma interpelativa e comprometedora, exige uma resposta. Tal chamado refere-se, primeiramente, àquele mandato evangélico do “convertei-vos e crede” (Mc 1, 15). A conversão e a fé são a primeira ação de todo aquele que é introduzido ao Cristianismo ou dele quer fazer-se conhecer.

O homem, ao aceitar e responder o chamado de Deus, necessita de uma mudança moral em seus atos, tanto que o chamado o interpela a uma prática radicalmente voltada a Jesus Cristo, suas ações e seus ensinamentos. Para tanto, o seguimento de Jesus submete aquele que atende ao chamado a uma *metanóia*¹ a partir da caridade, levando a uma ação plena do amor na sua vida real.

A participação do homem no banquete da vida, ou seja, a comunicação do homem com Deus, se dá na vida real (Mt 7, 21; 21, 28 – 32), em uma atitude ao mesmo tempo interior, una, radical e totalizadora. Esse é o aspecto essencial, talvez primordial, da mensagem ética de Jesus, sua clarividente revelação sobre o lugar exato onde se decide a vida do homem e sua resposta a Deus: o coração (ORDUÑA, 1983, p. 127).

Esta transformação interior, como resposta ao chamado de Deus, requer não só uma mudança de espírito, mas, precisamente, uma mudança real de atitudes e ações diante de si mesmo, das pessoas e do mundo. Tal mudança requer que o convertido assuma uma nova vida. Diante desta nova vida, a relação com Deus exige uma vivência no mundo real sob determinados prismas: a conversão, a fé, o seguimento, a caridade, a renúncia, a liberdade e a vigilância. Primeiramente a postura do cristão deve ser a de um verdadeiro convertido. Viver a *conversão* é reconhecer-se participante da realidade, mas não pertencente a ela, já que exige uma entrega total e radical de si a Deus.

Outra postura é a da *fé*. Todo aquele que se converte é porque, antes de tudo, acreditou. Para tanto, não se pode dar testemunho do que não se crê. A conversão e a fé levam àquele que é o modelo moral, e para isso, o *seguimento de Jesus Cristo* é a coluna mestra de toda a ação moral, fazendo na mesma medida do seu amor de Pai e Irmão. Também, a *caridade* é outra postura fundamental da moral evangélica.

Contudo, uma vivência autêntica do seguimento de Cristo implica uma *renúncia*, seja de bens, de pessoas ou de si mesmo. Deixar-se inundar do que é de Deus e renunciar tudo o que é “mundano” é colocar-se à mercê de uma vida real santa, sem desprezar a realidade. Para tanto, Deus cria o mundo e o entrega aos homens como projeto de amor e salvação. Isto leva à verdadeira liberdade evangélica. Ser livre é dispor-se a Deus como ato puro e livre para responder ao chamado d’Ele à salvação. Ademais, a *vigilância* é a resposta final de toda a moral evangélica, pois “Vigiai, porque não sabeis em que dia vem o Senhor” (Mt 24, 42).

1 Mudança interior, transformação.

Estes são os sete preceitos, núcleos da moral evangélica que desenvolveremos neste artigo, colocando como um itinerário da prática moral da vida dos cristãos.

2 A fé, porta de entrada da moral evangélica

Iniciamos este itinerário colocando como porta de entrada do conteúdo da ética evangélica a fé. A fé quer recordar a centralidade do anúncio evangélico. Crer na força vivificante do evangelho é colocar-se à disposição de aceitar aquilo que o próprio Cristo ensina diante da sua dinâmica de vida e testemunho. Assim, “crer é aceitar a mensagem de Jesus, que, em seu horizonte último, é Ele mesmo” (ORDUÑA, 1983, p. 129). Crer em Jesus Cristo é aceitá-lo como centro da vida, e vida renovada em Cristo.

Um primeiro passo para a fé é o ato de colocar-se a escutar. “Este é o meu filho amado; ouvi-o” (Mc 9,7). Para uma verdadeira vida nova em Cristo é necessário abrir-se para a palavra de Jesus, na revelação de Deus, que requer, necessariamente, uma intimidade com o próprio Cristo. Tal intimidade permite aproximar-se, tocar, ver, ouvir, enfim, ter uma experiência de Jesus Cristo. Aceitar a revelação é necessariamente um ato de fé.

[...] acolher a mensagem de Jesus sobre Deus Pai, Absoluto da vida e do amor, que chama os homens para si mesmo, para a vida verdadeira e eterna; é abrir-se e aceitar sua revelação sobre Deus, a revelação que aparece em sua palavra, em sua vida, em sua morte e em sua ressurreição (ORDUÑA, 1983, p. 129).

Desta relação entre homem e Deus brota o verdadeiro conhecimento do que é o homem na sua essencialidade. “A fé implica em aceitar o homem perfeito que teve conhecimento e relação com Deus abrangente e único, que nele viveu e anunciou a verdadeira vida humana” (ORDUÑA, 1983, p. 129). Assim, crer em Deus Pai, que se revela no verdadeiro Homem, Jesus Cristo, é compreender a essencialidade homem que é esboçado no evangelho, a partir do Sermão da Montanha, das Bem-aventuranças, do mandamento do amor, das palavras sobre o perdão, a perseverança, enfim, crer em Deus Pai e no verdadeiro Homem é seguir os ensinamentos do próprio Cristo.

A fé compreendida nos evangelhos leva a uma centralidade que é a pessoa de Jesus Cristo. Tal centralidade permite uma vivência íntima deste Cristo que é real, histórico e presença viva na prática cristã. Ter fé é um movimento que parte da dúvida messiânica, conforme os sinóticos, onde o próprio Cristo questiona “que dizem os homens que eu sou?” (Mc 8, 27) até a profissão da fé neste Jesus Cristo Messias, como a confissão de Pedro: “Tu és o Cristo” (Mc 8, 29).

Entender Jesus Cristo como único Messias e Salvador, é professar um ato de fé, a partir do testemunho dos apóstolos e evangelistas, que corrobora para as práticas morais. “A aceitação de Jesus como Filho-Messias, entendendo seu messianismo como a entrega total

de Jesus ao Pai como autêntico servo de *Yahweh*, encontrando no pai – e não em sua própria autoafirmação – a verdadeira vida.” (ORDUÑA, 1983, p. 131).

Acolher a mensagem de Jesus é entender, aceitar e afirmar, como testemunho de fé, a imagem que Jesus revela de Deus Pai. “O conteúdo da mensagem de Jesus determina a complexidade da sua aceitação como atitude definitiva da fé” (ORDUÑA, 1983, p. 131). Na relação entre Deus Pai e seu Filho, Jesus quer conduzir a uma participação íntima, rica e profunda na magnitude de seu próprio mistério.

No entanto, a relação de participação na filiação de Jesus Cristo e a nossa filiação com Deus Pai nos é ensinada pelo caminho da espiritualidade, ou melhor, pela vida de oração. O próprio Jesus se coloca em oração nos momentos mais profundos de sua vida, como movimento de intimidade com o Pai. “A oração é o momento fundamental, que concentra toda a riqueza da relação do homem com Deus, elemento central da mensagem de Jesus” (ORDUÑA, 1983, p. 132).

A oração é um gesto de confiança em Deus. Jesus confia em Deus e se entrega a sua vida conforme a vontade de Deus. A fé autêntica faz com que depositemos a confiança em Deus, capaz de entregar livremente tudo a Ele. A confiança

É a atitude de quem se sente responsável e livre, entregando-se então a Deus, o absoluto do amor; de quem molda sua vida pessoal com base no amor, na liberdade, no perdão, no desprendimento de tudo, apesar de todas as obscuridades e de dolorosa suspeita de que, apoiando-se unicamente em Deus, o homem vê fugir toda a segurança na vida e perde tudo (Jo 11, 16). (ORDUÑA, 1983, p. 133).

Portanto, a confiança filial e credível em Deus faz do Evangelho, como palavra revelada, uma escola de anseios onde o único e rico tesouro é o próprio Deus que se revela. Deus é o único valor para o qual devemos tender, para remediar as feridas e tornar a alegria, o amor, o serviço e o desprendimento, um bem possível de uma verdadeira vida. Todavia, “crer em Deus Pai significa, radicalmente, acolhê-Lo como absoluto da própria vida, isto é, viver realmente segundo o amor, o perdão e a liberdade em relação a tudo” (ORDUÑA, 1983, p. 135). Deus é um valor absoluto, pessoal e real. Assim, para viver esta fé autenticamente, ela deve condizer com as ações da vida real: a vida de oração; a vida com suas afirmações teóricas de fé e fidelidade; a vida na relação pessoal com Jesus Cristo.

3 A conversão

O dinamismo da fé implica, necessariamente, uma conversão autêntica que permite a participação no corpo místico de Jesus Cristo. Nesse sentido, o “Converti-vos e crede” torna-se uma regra constante do cristão. Saber discernir a conversão é aceitá-la diariamente como fonte de segurança e amor advindos diretamente do coração amabilíssimo do Pai. Ademais, Jesus Cristo constantemente adverte, nos Evangelhos, a respeito da necessidade

desta constante conversão como forma de encontro com o Pai e revelação do Seu amor. “Jesus fala frequentemente em tom de ‘correção’ dos conceitos, enfatizando a premência de uma ‘mudança’ de vida; isto é, o anúncio da fé se faz no estilo do chamado à conversão” (ORDUÑA, 1983, p. 138).

Para tanto, a conversão requer uma verdadeira mudança de vida, *metanóia*, autêntica transformação interior por puro ato de fé e amor a Deus. Ademais, a fé provoca uma decisão que converge a esta mudança interior:

A fé é o momento de chegada “lógico” (“conversão dos ídolos ao Deus vivo e verdadeiro”, 1 Ts 1,9), mas constitui seu ponto de partida “psicológico” ou “existencial”: fé iluminada em Deus e na imagem do homem, que implica em levar o homem a valorizar adequadamente a realidade e viver uma exata relação com ela. Descobrimo assim o erro e o pecado em que antes vivia (ORDUÑA, 1983, p. 139).

A conversão autêntica requer precisamente uma suspensão fenomênica de si, em um primeiro momento, para que se possa realizar uma avaliação das próprias ações e, profundamente, da própria vida, para que, a partir daí, aconteça a conversão como mudança de vida. Tal suspensão fenomênica não quer excluir a realidade, mas sim aprofundá-la de tal forma a identificar os fatores que a tornam criatura de Deus, e presente ao homem.

Reconhecer a realidade, suas mazelas e sua beleza, é inserir-se profundamente no mistério da conversão. Além disso, reconhecer-se como pequeno diante de toda a obra criada e, ainda, como alguém perdido que precisa da acolhida e abraço do Pai para entrar em Sua casa, é o fundamento da verdadeira conversão. Estar inserido no mundo, mas sabendo que tudo é pela graça e amor de Deus. “Converter-se significa, acima de tudo, conseguir entender a realidade em um mundo que, por mil razões, tem dela concepções monstruosas” (ORDUÑA, 1983, p. 139).

Para isso, Jesus Cristo provoca o convertido a uma profunda postura de humildade, como quem acolhe um estranho que bate à porta, mas que, antes mesmo de ser um estranho, já é conhecido no interior de sua casa. No entanto, a palavra de Jesus é provocativa, queimando profundamente o coração daquele que O acolhe, ouve, toca, sente. “A palavra e a vida de Jesus interpelam e inquietam, chegando, inclusive, a ser aparentemente insuportáveis – e, no entanto, constituem a verdadeira luz sobre a autêntica vida humana. (ORDUÑA, 1983, p. 143).

No entanto, ser cristão convertido é ter uma postura de acolhimento, receptividade e busca, diante daquele que, batendo à porta, interpela, chama e exige uma resposta. Além do mais, o cristão deve agir na humildade de uma criança, reconhecendo-se pequeno diante da grandiosidade da graça e do chamado, pois “Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele” (Mc 10, 13).

4 O seguimento de Jesus e a caridade

O centro de todo o chamado à fé e à conversão é o próprio Jesus Cristo. Ter a consciência deste chamado d'Ele, que mira a Ele mesmo, é transformar as ações de si mesmo às ações do próprio Cristo. Imitá-lo em tudo. O seguimento de Jesus é o caminho de transformação pessoal e comunitária. Não se pode pensar uma conversão sem pensar no próprio Jesus como modelo a ser imitado. "O seguimento de Jesus não foi um simples ingresso na escola de um mestre [...], segui-lo significa compartilhar a sua vida, deixando tudo para entrar em uma íntima relação pessoal com Jesus" (ORDUÑA, 1983, p. 148).

O processo de seguir a Jesus implica uma configuração ao próprio Mestre. Configurar-se a Ele é deixar-se impregnar de tal forma, do próprio Mestre, ao ponto de proclamar: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim." (Gl 2, 20).

Este chamado ao seguimento de Jesus é feito de modo direto pelo próprio Cristo que, na medida em que chama, interpela, conhece, se aproxima, capacita e envia. Exemplo para nós faz-se com os apóstolos, no chamado dos 12 (cf. Lc 6,12-16), onde este método do chamado é compreendido como forma de conversão e missão. Assim, seguir a Jesus Cristo implica, necessariamente uma conversão e saída de si mesmo para a missão.

O homem entra em comunhão com Jesus, segue-o e faz d'Ele o centro de sua vida não exatamente na medida em que o conhece e entra em relação reflexa com ele, mas sim na medida em que, n'Ele e por Ele, participa de sua própria experiência de Deus e do amor como valor de vida (ORDUÑA, 1983, p. 152).

Porém, há uma força impulsionadora desta missão que advém do próprio Pai, através do seu Filho: a caridade. O amor *Caritas* supera todo o amor carnal e filial. O amor que Jesus Cristo nos coloca como mandamento é aquele transformador, amor das entranhas, que arde, que penetra e que faz sentir-se amado e amar. Este é O amor de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Um amor que revela ao homem o verdadeiro homem e o verdadeiro Deus.

Perguntado sobre a vida humana, Jesus fala de Deus, não exatamente como o senhor absoluto, que pode impor sua vontade ao homem, inclusive exigindo-lhe a entrega total de seu coração, mas sim como absolutamente amável, como o transcendente que ama infinitamente e chama o homem para junto de si. (ORDUÑA, 1983, p. 164-165).

Acima de tudo, a santidade implica a compreensão e transformação da vida ao único mandamento segundo o próprio Jesus:

Aproximou-se dele um dos escribas que os tinha ouvido disputar, e sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. E o escriba lhe disse: Muito

bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele; E que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios. E Jesus, vendo que havia respondido sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém ousava perguntar-lhe mais nada. (Mc 12,28-34).

Neste sentido, tem-se uma regra geral para toda e qualquer ação daquele que segue a Jesus Cristo, ou ainda, a caridade é o conteúdo nuclear da moral evangélica. Em toda e qualquer ação moral deve estar a caridade, o amor. O homem convertido deve, não por uma implicação consensual, mas como uma compilação de sua vida buscar viver arduamente a caridade. Ademais, esta é uma transformação de transpassa o próprio coração interpelando também o próximo: os amigos, inimigos, pecadores, órfãos, viúvas, estrangeiros, enfim, todos a quem o mandato universal da ação evangélica chegarem.

5 A renúncia e a liberdade

Além da fé, da conversão, do seguimento de Jesus e da caridade, o conteúdo da ética evangélica incita uma atenção especial aos bens e à liberdade. No que se refere aos bens materiais e morais, Jesus diz:

Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo. Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; E, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a (Mt 13,44-46).

Ao chamar os seus discípulos, Jesus os coloca frente a uma escolha de deixar tudo para seguir “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me.” (Mt 16, 24). O valor da renúncia implica a decisão pelo Reino. Um ato de confiança e puro amor n’Aquele que oferece o amor, ao desprender-se de tudo para receber tudo: o Reino. “O abandono de tudo é exigido como condição para alcançar a vida ou ser digno do reino; ou ainda, é apresentado por Jesus como consequência lógica do encontro do tesouro do reino e da vida de Deus” (ORDUÑA, 1983, p. 154).

Porém, há de se cuidar para a confusão da proximidade entre a renúncia e o desprezo. Renunciar à realidade, aos bens e a si mesmo não é desprezar ou negar totalmente, mas sim, acolher de tal forma a deixar as ambiguidades fora da apreensão das coisas e aceitar de modo a que tudo seja por Jesus Cristo. Mesmo aos bens Jesus convida a desapegar, no entanto que nada esteja acima do próprio Jesus, e que a vida do verdadeiro cristão não esteja em função tão somente da realidade natural, das coisas e das pessoas, mas sim, do próprio Jesus que se manifesta nesta realidade, como dom dado, nas coisas, como instrumento de amor, e nas pessoas, como o próprio Cristo ora amando ora necessitando do amor.

Esta vivência de renúncia implica diretamente a consciência de liberdade. Jesus Cristo viveu desapegado de bens, de pessoas e da própria realidade por puro ato de amor. Desta forma, foi um homem em sua perfeita liberdade. “O fato está, simplesmente, em que Jesus se manifesta Livre desde o primeiro momento, atraindo seus seguidores para esta liberdade!” (ORDUÑA, 1983, p. 157). Para tanto, o centro da liberdade é sempre a experiência de Jesus Cristo, ou seja, abordar a liberdade cristã é aproximar-se do núcleo do próprio mistério de Jesus: “Vinhos novos em odres novos”.

Jesus Cristo é a própria natureza da liberdade evangélica e a liberdade do homem a partir do evangelho, representa uma participação da liberdade de Jesus.

A liberdade de Jesus não o inclinou a uma condenação indiscriminada do seu mundo. A vida de amor, perdão, paz e alegria em Deus Pai, que o levava a condenar muitas das realidades circundantes, também o levou a aceitar e valorizar aquilo que, no mundo, se aproximava do seu espírito. Sua madura liberdade levou-o a aprovar, matizar, aprofundar, corrigir e condenar segundo o critério de sua própria viva experiência, manifestando-se sempre soberanamente livre, não só em suas condenações (ORDUÑA, 1983, p. 164-165).

Ademais, a liberdade modelo que Jesus Cristo vivencia perante seus discípulos e incita naqueles que se aproximam e se convertem à vivência desta mesma liberdade, pode ser encontrada: Na autoridade quando Jesus falava, no próprio bem do homem, (cf. Mc 7, 14-23), na narrativa das tentações do deserto (cf. Mt 4, 1-11), no Getsêmani (cf. Mt 26, 36-46), enfim, na vida de Jesus, seus ensinamentos, sua paixão e sua ressurreição.

6 A vigilância

Enfim, uma atitude presente na vida do homem que renova até mesmo o sentido de sua vida é a vigilância evangélica. “Vigiai, pois, não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir” (Mt 25, 13). A vigilância atende ao chamado de Jesus em relação à espera de sua nova vinda. “A categoria evangélica da vigilância evoca o núcleo da vida humana segundo Deus Pai justamente na medida em que coloca cada momento presente como momento último” (ORDUÑA, 1983, p. 176).

Saber interpretar os sinais dos tempos (cf. Mt 16, 3) consiste no próprio chamado à vigilância. Jesus evoca este chamado conduzindo à espera evangélica d’Ele mesmo. O próprio Jesus representa o sinal último e decisivo de toda a ação cristã. Saber reconhecer Jesus como fim último da moral cristã, é colocar-se como pertencente ao próprio seguimento de Cristo. Ademais, Jesus representa o verdadeiro *Kairós*, o momento certo, tempo novo, de renovação. E, diante deste *Kairós*, Jesus chama e interpela a resposta que pode ser de aceitação ao chamado, ou negação. A indiferença não faz parte do seguimento de Jesus, pois, diante do chamado d’Ele, não há indiferença suportável à condição humana.

A atitude de resposta diante de Jesus, nos Evangelhos, era de decisão à nova vida ou rejeição dela, pois Cristo se manifestava com sabedoria e presença de Deus. As atitudes de Jesus, diante dos seus discípulos, eram de uma presença graciosa, livre, interpelativa e última.

Ademais, há um “intervalo” entre a presença de Jesus e a vinda definitiva do Reino de Deus. Este é, no entanto, o sentido exato de vivência moral do cristão e sua vigilância. Já que, de fato, não sabemos o dia nem a hora da segunda vida de Jesus, a atitude madura é, neste intervalo, viver cada momento como se fosse o último.

7 Considerações finais

O conteúdo da ética evangélica, para as bases práticas do cristianismo, é o fundamento que norteia toda e qualquer ação pessoal ou comunitária da vida de um batizado. A fé e a conversão constituem um primeiro apelo dos Evangelhos a todo o ser humano que quer encontrar a Deus e, neste encontro, encontrar-se consigo mesmo. Ademais, a caridade é o centro e mandamento único da Lei de Jesus Cristo. Toda e qualquer ação passa primeiro pela caridade. No próprio seguimento de Jesus Cristo encontramos a caridade como fundamento básico da fé e práxis cristã, seguida, profundamente, da renúncia, da liberdade e da vigilância.

Ademais, muito ainda tem que se aprofundar no núcleo desta ética que, sabemos, é o próprio Jesus Cristo, e o seu chamado ardente à conversão. Muitas outras referências bibliográficas poderiam ser utilizadas, principalmente no que se refere ao Magistério da Igreja e sua Tradição, porém, a fim de delimitar a pesquisa, mantivemo-nos numa hermenêutica nestas ricas obras que aprofundam o núcleo bíblico da moral cristã.

Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2016.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Por que fazemos o que fazemos? Aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização*. São Paulo: Planeta, 2016.

HAERING, Bernhard. *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

ORDUÑA, R. Rincón. *Práxis cristã: moral fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1983.

VIDAL, Marciano. *Moral cristã: em tempos de relativismos e fundamentalismos*. Aparecida: Editora Santuário, 2007.